



O Gaiato

5 DE ABRIL DE 1969
ANO XXVI — N.º 654 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

A propósito do «A Porta Aberta», chegou-nos há dias, de um cristão português nos Estados Unidos, esta carta:

«Os escritos de Pai Américo são como as obras de arte: com o tempo valorizam-se. Sua doutrina é sempre actual, seus métodos continuam a produzir os efeitos por ele preconizados, não por terem sido da sua criação, mas por traduzirem a vontade de Cristo, manifestada naquele grande mandamento que é — amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Desde há muito tempo que sou admirador da Obra da Rua, por ver nela uma das formas mais humanas de amar verdadeiramente a Deus.

O catolicismo muitas vezes enferma porque as pessoas se isolam egoisticamente dentro de si mesmas, julgando que, só pelo simples facto de não fazerem mal a ninguém, ganharão o Céu... «Boa pessoa não é aquela que não faz mal a ninguém, mas sim a que pratica o bem».

Para merecer algo de Deus nós temos de nos dar, mas dar-nos totalmente e sem condições, mesmo aos nossos inimigos. Enquanto os homens não se compenetrarem desta grande verdade ensinada por Cristo e usada como base da Obra da Rua, o Céu será um mito para a descrente Humanidade.

Com um grande abraço de reconhecimento para todos os da Casa do Gaiato...»

Escrevo em vésperas da Paixão. O jornal estará em vossas mãos nas vésperas da Páscoa. Que salutar alerta nos grita esta mensagem! Ela vai directa ao essencial, àquilo só que preocupou Pai Américo em toda a sua vida sacerdotal — do que, sem ser teólogo, ele discorreu páginas e páginas de doutrina, que são «obras de arte», da mais divina de todas as artes: a salvação dos homens.

Num tempo em que um tecnicismo doentio infecta os espí-

Continua na TERCEIRA página

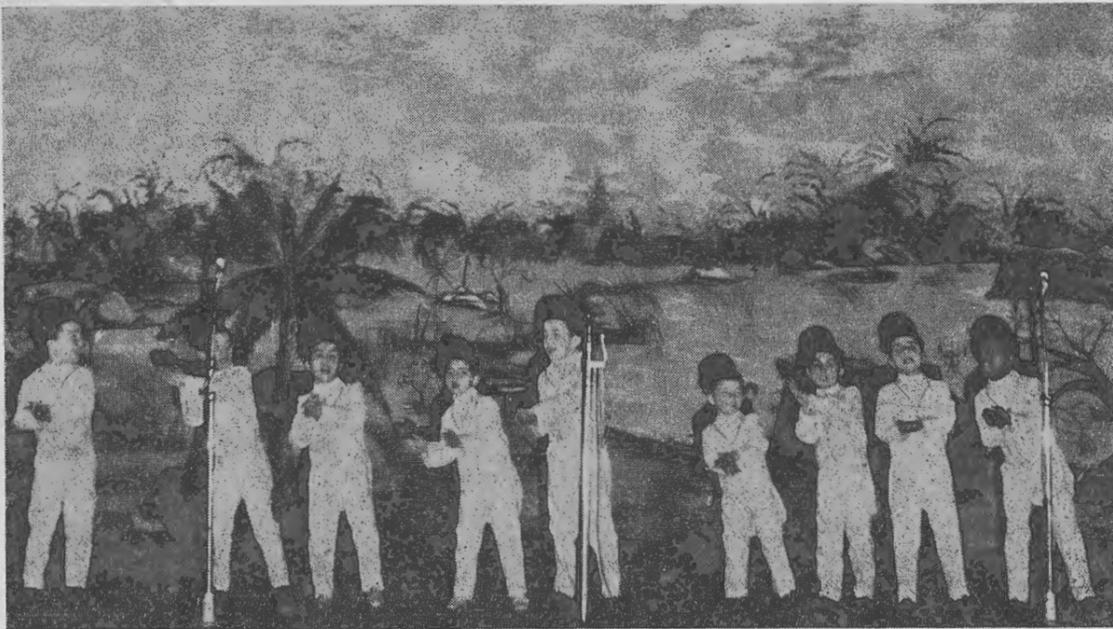
Lourenço Marques

Gosto de, ao recolher o sol, dar uma volta pela nossa quinta. O calor do verão, que necessariamente nos tortura dentro e fora de Casa, faz sentir como delícia o fim de tarde.

Saio pela cozinha, rentinho à Escola; sinto-a já vazia, mas alegro-me com tudo o que se passou ali hoje. Foi um dia de estudo, com todos os rapazes atentos, sequiosos de aprender; às vezes oiço a voz pausada do professor e penso como ela é benéfica e se torna luz para os espíritos daquelas crianças. Que preciosa luz! Quando a não têm ainda ou têm tão pouca!

Adiante são os armazéns onde a pequena oficina de sapateiro, agora bem mais pequena com a saída do Pinho para o serviço militar. É o Rafael a dar conta da limpeza e das meias solas. Os carpinteiros Zé Alberto e Cornélio são logo à beira e andaram no telhado do pequeno armazém para os materiais da Aldeia.

Continua na TERCEIRA página



Uma expressiva imagem dos «Batatinhas» de Paço de Sousa, delícia e carinho das plateias! Os Tripeiros aguçam de novo o apetite — pois voltamos ao Coliseu do Porto no próximo Domingo de Pascoela.

Coimbra quer segundo espectáculo. Bom sinal. Sinal que agradámos e sinal de interesse da parte dos Amigos. Temos recebido muitas reclamações: pessoas que nunca faltaram e este ano não conseguiram bilhete; pais de família que queriam levar seus filhos e não tiveram lugar — «não há direito»; pessoas idosas ou doentes para quem o tempo estava chuvoso e frio; telefonemas sem conta a pedir uma cunhazinha; famílias amigas a manifestar desgosto por não poderem participar, mas alegres por verem a casa cheia.

TRIBUNA de Coimbra

A Imprensa e Rádio colaboraram generosamente connosco.

A festa agradou. A sala do Avenida esteve cheia em todo o sentido. Houve calor de alma no palco e na assistência.

Como costuma dizer o nosso Júlio: — «Apetece-nos dar um Vival».

Como complemento precioso não faltou a ceia, como tem sido nas outras terras. Um grupo de Senhoras não descansou e conseguiu um mundo de mimos. Naquela tarde o Teatro Avenida foi um centro de romaria: empregados das Fábricas de Cerveja a descarregar bebidas oferecidas pela própria Fábrica; carros particulares a transportar sacos com pão e outros embrulhos; pessoas, sem conta, a vir trazer seus presentes. No fim da festa os nossos Rapazes e todo o Pessoal auxiliar confraternizaram alegremente e ainda levámos a Opel carregada para casa; o Teixeira, que todos os anos se retirava triste e naquela tarde nos havia perguntado pela bucha, estava espumante de alegria. Os bilhetes e nossas capas recolheram vinte e três contos.

Assim com a boca doce não resistimos mais a aceitar a exigência da segunda festa no Avenida de Coimbra, como já há anos é no Coliseu do Porto. Têm chegado pedidos sem conta: são recados pelos rapazes;

Continua na TERCEIRA página

Aqui LISBOA

«A criança, para o desenvolvimento da sua personalidade, precisa de amor e de compreensão. Tanto quanto possível, deve crescer sob a salvaguarda e responsabilidade de seus pais, sempre num ambiente de afecto e de segurança moral e material; a criança da primeira idade não deve, salvo circunstâncias excepcionais, ser separada da mãe» (Da «Declaração dos Direitos da Criança»).

A passagem transcrita não é do Evangelho mas está lá. A educação dos filhos nos seus múltiplos aspectos cabe primariamente aos pais. Quanto mais novos e débeis, mais cuidados e carinhos exigem. A personalidade da criança, quando os pais desertam ou, por qualquer motivo, se tornam ausentes, é altamente afectada, muitas das vezes em proporções irreparáveis. E muitos pais poderiam, se quisessem, cumprir com as obrigações sagradas de educar, inerentes à sua paternidade. Gerar, já aqui o escrevemos,

também está ao alcance dos animais irracionais... A chamada vida social, os chás, as reuniões bom-tom, os desportos, os espectáculos, a busca dos ganhos materiais além do indispensável, os prazeres humanos, etc., não podem ser óbice à observância de responsabilidades elementares e, por isso mesmo, inalienáveis. Mesmo em famílias ricas, rodeadas de pessoal especializado, nada pode suprir a carência dos pais na existência dos filhos. Estes são daqueles como os primeiros são dos segundos. O cordão umbilical continua-se na vida do dia a dia e as consequências do seu abrupto, ou quase, desaparecimento projectam-se não só na personalidade dos filhos como na dos próprios progenitores, com reflexos na intimidade dos lares e até no equilíbrio familiar. As leis da Natureza não se desrespeitam impunemente e não há

Continua na QUARTA página

FESTAS

Com as indispensáveis visitas às Cadeias Civil do Porto, Central da Agrela e Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo — presenças que, no conjunto, mais tocam o nosso coração — juntos de quem sofre suas penas ou da sociedade corrupta — terminámos a primeira etapa festiva da zona norte do país. Foram noites e tardes de alegria espiritual e comunicativa!

A segunda etapa que principia em Monção e termina em Lamego inclui — como é tradição — segunda volta ao Coliseu do Porto. Os tripeiros aguçam já o apetite! E, certamente, a vasta Sala da rua Passos Manuel será de novo pequena para acolher todos quantos desejam marcar presença. Cuidado, senhoras e senhores retardatários!...

Na zona centro sr. P.e Horácio está espumante. Que bom!

No sul, todos se preparam activamente. E não tardam a sair para a rua. No entanto, os senhores botem os olhos nas lembranças que seguem. E fixem os locais e as datas — para não haver faltas.

Júlio Mendes

DIA 11 Cine Teatro de Monção

DIA 13

Domingo de Pascoela
às 18,30 h.

COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda — dias úteis: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.

DIA 13

Incrível Almadense ALMADA

Bilhetes à venda: Dias úteis, no Externato Frei Luís de Sousa, e todos os dias nas bilheteiras do Incrível Almadense.

DIA 16

Cine Teatro Luisa Toddy SETUBAL

Bilhetes à venda: dias úteis, Papelaria Campos, Largo da Misericórdia, Tel. 22447; no Lar do Gaiato, Largo das Areias, Tel. 23054; e todos os dias nas bilheteiras do C. Teatro Luisa Toddy.

DIA 17

às 18,30 h.

Monumental — Lisboa

Bilhetes à venda: Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13, Tel. 861939; Montepio Geral, Rua do Ouro, 241, Telef. 323001; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, Telef. 361406; Casa do Gaiato — Tojal — Loures, Telef. 2539019; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c Dto., Telef. 666333

DIA 18

Cine T. Joaquim de Almeida MONTIJO

Bilhetes à venda: na Casa Faz Chuva, Av. João de Deus, Tel. 230310. No dia do espectáculo, nas bilheteiras do Cine Teatro.

DIA 20
às 18,30 h.

Teatro Avenida - COIMBRA

Bilhetes à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

DIA 20

Humanitária de Palmela PALMELA

Bilhetes à venda: em Palmela, na Secretaria Filarmónica Humanitária, Tel. 235235; na Quinta do Anjo, Sebastião Fortuna, Telefone 237869.

DIA 21

Cine Teatro de Tomar bilhetes à venda no Armazem Barateiro e no Cine Teatro.

DIA 22

Cine Teatro Santa Maria ARRIFANA

Bilhetes à venda: Casa Ribas — S. João da Madeira e bilheteiras do Cine Santa Maria de Arrifana.

DIA 25

Teatro Ribeiro Concelção Lamego

DIA 25

Casino da Figueira da Foz

DIA 28

Cine Teatro da Covilhã

Bilhetes à venda na bilheteira e Jerónimo dos Santos - Seguros.

DIA 29

Cine Teatro da Gardunha Fundão

DIA 30

Cine Teatro Avenida Castelo Branco

Bilhetes à venda nas bilheteiras, na Casa Pinto e nas Papelarias Semedo e Elias Garcia.

«Por nós se fez obediente até à morte e à morte da Cruz».

Foi através de incomensuráveis abatimentos e dores que Ele nos levou à reconciliação com o Pai.

Tornámo-nos seus irmãos — filhos adoptivos do mesmo Pai.

Tomou sobre os seus ombros todo o peso das nossas misérias e assim se tornou bálsamo para as nossas dores e força para as nossas fraquezas.

«Vinde a Mim vós todos que trabalhais e vos sentis sobrecarregados e Eu vos aliviarei».

De tal modo provou o Seu infinito Amor aos Homens que, com toda a autoridade, pode dizer-nos:

«Dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como Eu vos ameii».

Amor com amor se paga.

Provamos o nosso amor pessoal a Cristo, cumprindo este Seu mandamento. Para tal, é necessário manter o coração



constantemente aberto às necessidades dos Irmãos.

Não façamos como os Apóstolos, em Gethsémani. O Senhor levou consigo os três mais íntimos — Pedro, Tiago e João — até ao lugar da Sua misteriosa agonia. Aproximando-se a hora da terrível provação, a Santa Humanidade de Jesus foi de tal modo dominada pelo terror e pela angústia, que sentiu a necessidade da presença e conforto dos Amigos.

«A minha alma está numa tristeza mortal. Ficai aqui e vigiai comigo».

Por três vezes deixou a gruta da agonia e os procurou, mas sempre os encontrou dormindo...

Mantenhamos os olhos sempre abertos às necessidades do próximo, que a Paixão de Cristo vai-se continuando, através dos séculos, nos Irmãos que sofrem.

Provamos o nosso amor a Cristo cumprindo, em tudo, a vontade do Pai e amando os Irmãos como Ele nos amou.

Só assim será verdadeira a nossa alegria, ao festejar a Ressurreição de Cristo, penhor da nossa ressurreição futura.

«Este é o dia que o Senhor fez; nele nos alegremos e exultemos. Aclamai ao Senhor, porque Ele é bom e eterna a sua misericórdia».

Inês — Belém — Viseu

PELAS CASAS DO GAIATO

MALANJE

Amigos leitores: é pela primeira vez que escrevo para o nosso jornal. Quero dizer-vos que o nosso teatro foi muito bonito, foi pena que muitos dos nossos leitores não tivessem visto.

Sobre os assuntos do campo a nossa Lavoura vai aumentando dia a dia. Já começamos a lançar a semente do girassol à terra; o nosso algodão já está crescido.

Também posso dizer aos nossos leitores que já começamos as oficinas e agora precisamos muito de cimento e tijolo.

A casa do Fernando já está quase pronta.

Um amigo nosso do Dondo ofereceu-nos uma geleira a petróleo. Foi muito bom porque nós ainda não temos electricidade e, por isso, faz-nos muito jeito.

Aproveito aqui para dizer aos nossos amigos visitantes que não gostamos que andem à caça na nossa quinta.

Tomás

ga, têm vindo assiduamente até nós. Na última sexta-feira, veio a turna a que pertencem dois dos nossos: o Chico e o Casimiro. A turma veio acompanhada por dois professores, que os iam orientando e o Casimiro era o cicerone.

A não ser os alunos da Escola, mais ninguém por cá tem aparecido. Parece que os amigos de Coimbra se esqueceram de que a construção do novo Lar ainda só vai a meio. É bom que se não esqueçam das nossas aflições!

Francisco José

TOJAL

O Aniversário — Passaram 25 anos desde o primeiro número do «Famoso». Vinte e cinco longos anos de árduo trabalho na expansão do Evangelho pregado por Cristo e que hoje está a ser alvo do esquecimento de tanta gente.

Mas graças a Deus que o jornal tem sobrevivido e sobreviverá indefinidamente. O número de assinantes e dos leitores em geral, aumenta, pois o jornal tem sido desde sempre um incansável divulgador da virtude mais sublime.

Aqui deixo em nome de todos os desta Casa um agradecimento e uma felicitação para todos quantos servem e trabalham para a conservação de «O Gaiato».

Festa — Como a nossa festa, em Lisboa, já está perto, reina entre os figurantes, cá do Tojal, um certo nervosismo. Isto acontece sobretudo nalguns que representam pela primeira vez. Noutros já não acontece tanto assim porque já são «veteranos» e por isso o palco já não é novidade para eles.

Os ensaios vão mais ou menos adiantados e são animados por uma notória boa vontade e paciência da parte dos ensaiadores que são correspondidos pelos actores.

Quando idealizamos uma festa fazemos o possível por ser melhor que a do ano anterior. Julgamos, por isso, que este ano a nossa festa no Monumental irá ter mais atractivos e haverá mais gente interessada em conhecer a nossa Obra. Portanto esperamos por vós no Saldanha e para já pedimos que não guardem outros compromissos para o dia 17 de Abril que irá ser um grande dia para todos nós.

Dois pedidos — O nosso Lar em Lisboa entrou há pouco em funciona-

mento e precisa duns móveis para a sala de jantar e para o escritório. É uma necessidade que se faz sentir bastante. Para alguns não custará nada satisfazer este pedido porque com certeza terão um ou outro móvel ou guardado no sótão ou desviado num canto, sem utilização.

E já agora, faziam-nos bastante jeito, também, alguns guarda-chuvas que temos bastante necessidade.

Se nos quiserem enviar alguns destes utensílios é só comunicarem connosco que tratamos do resto.

Uma informação — Temos um grupo de jogadores (habilitados) de futebol, que está em vias de perder toda a prática se não tiver adversário com que se bater, e assim não se concretizará o nosso velho sonho de subirmos à 1.ª Divisão e ganharmos o campeonato, de chegarmos à final da Taça dos Campeões Europeus e ganharmos a Taça e de entrarmos no Campeonato Interplanetário... Esperamos que alguém acuda a este grupo desportivo que irá ser a grande revelação do Futebol Nacional, Mundial, Universal, etc. etc!

Mário

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O QUE RECEBEMOS — Muito poucas presenças! Mas alegrem-nos com a perseverança do grupo habitual. Entre os componentes está a assinante 17740, com o remanescente de importância enviada para uma Missa por alma «do meu querido filho Rui». O amor de Mãe! Quadro tão belo, neste mundo sempre tão avesso ao exemplo da Família de Nazaré! Agora, é a vez de uma Tripeira, assinante 27060, com 50\$00. Mais 40\$00 da assinante 17022. E 70\$00 de uma Farmaceutica, de Rio Tinto, cliente da nossa Tipografia. Mais roupas «para os Pobres da Conferência», remetidas por anónimo ou anónima. Foram ouro sobre azul! Mais 40\$00 de um amigo do Telhal, «para obter o completo restabelecimento de uma pessoa de família». Por fim, 100\$00 de Jorge Reis, de algures.

Os senhores mai-las senhoras quando tiverem interesse de compartilhar em nossa acção, não esqueçam ter a bondade de frizar que as importâncias se destinam à Conferência de Paço de Sousa. Assim, desfaz-se equívocos, na complexidade da nossa vida.

Júlio Mendes



VISTAS DE DENTRO

Consolava-me a ver, do alto da mata, a beleza da nossa Aldeia, quando ciço tocar para o jantar.

Pareceu-me cedo e consulto o relógio; faltam 30 minutos para a hora habitual. Apresso o passo para não chegar atrasado e, porque ardia de curiosidade por saber o motivo daquela alteração. Tinha de ser algo importante.

Já no refeitório pergunto ao Maioral o que se passa.

Resposta imediata: Joga o Benfica!

Nada mais quis saber. Estava tudo dito.

A desorganização organizada que somos, desorganiza a vida normal para a organizar com o jogo do Benfica e, tudo isto, sem consulta ao «senhor Director».

É isto que faz as nossas Casas serem o que são: uma Família.

Será por causa destas e outras idênticas que certos técnicos de Assistência (mas não educadores) afirmam que somos uma Instituição de Assistência ultrapassada?

Se adiantados ou atrasados como Instituição de Assistência é coisa a que os rapazes não ligam e a nós pouco importa; mas que sejamos uma Família

é o que conta para nós em primeiríssimo lugar.

Foi a Família e não a Instituição de Assistência que recebemos por herança de Pai Américo e do nosso Sacerdócio.

Se fôssemos, em primeiro lugar, Instituição, teria de ser o senhor funcionário monitor a pedir ao senhor Director autorização para que sua Excelência condescendesse a que os meninos educandos fossem ver o Benfica na T. V.. Este, conforme o estado da sua figadeira, ou da simpatia pelo club, ou ditado pelo regulamento, daria ou não autorização.

Como somos, primeiramente, Família, bastou ao irmão mais velho (não pela idade mas pela responsabilidade) saber da alegria da malta por ver um jogo da T. V. para logo tudo resolver.

Se isto é desordem, eu cá dou graças a Deus por ela.

Quando fui para a cama (ainda jogava o Benfica) apeteceu-me rezar para que ganhasse, pois eu já tinha ganho com o jogo. Ganhei ter ido mais cedo para a cama e sem ter ralações por causa das limpezas das copas, refeitórios e cozinha, coisa que não acontece nos outros dias.

Padre Abraão

Cont. da PRIMEIRA página

Por trás é o armazém novo: Milho na eira, alfaías e máquinas em descanso. Continuo por ali abaixo. Dou uma olhadela ao Infulene que passa sob meus pés e cai com ruído numa pequena cascata, onde por vezes há peixes a saltar. Logo à direita o chão cavado, em limpeza difícil mas necessária que anos sem cultura deixaram estragar. Os rapazes são assim também. Não-de vir sempre assim. Incultos, difíceis, mas com trabalho a semente que vai caindo na sua alma há-de dar fruto. No amanho da terra como na educação trabalha-se em esperança. À esquerda vejo as bananeiras crescidas, pujantes, prometedoras. São a certeza de que o Trabalho vale a pena.

Vejo de longe ou mesmo à beira, o nosso estábulo. São muitas cabeças, mas apenas 3 leiteiras. Não-de chegar mais de criadores de gado que nos querem ajudar. Havemos de ter copos de leite puro, para os 150 que a Aldeia há-de ter. Que beleza os lábios duma criança molhados de leite; muito mais que tantos pintados de «rouge».

Outra vez na estrada tenho à esquerda o girassol em plena floração. Como cresceu o que está em boa terra! É como a gente: cada qual cresce e rende bem, no seu lugar. E tantos que não!

Começa a encosta. São agora campos de milho, já sem espigas, que o capim domina. E outra vez girassol. Muito giras-

LOURENÇO MARQUES

sol que os nossos rapazes nas horas de folga da Escola, vêm apanhar. Pelo meio são valas de água algumas cheias de rãs que ferem os ares e ouvidos com o coaxar de umas para outras. Lá se entendem!

Chego ao cimo do terreno cultivado e não resisto a olhar para trás. Que bonita está a nossa quinta! Quem poderia dizer, quando chegámos, que tão depressa estaria transformada! Olho e vejo tudo. Encho-me, como diria Pai Américo. E neste encher cresce na alma a gratidão àqueles que nos leram e a todos os que nos ajudaram a fazer esta beleza.

Depois de longa contemplação retomo o andar subindo mais. Vejo o chão rasgado: são os alicerces das Oficinas. Montes de pedra e areia estão à espera de ocuparem de vez o seu lugar. Há colunas tecidas em ferro espalhadas no chão. Mas eu vejo as paredes levantadas, máquinas de carpintaria, máquinas de serralharia, cada uma no seu lugar e à beira o rapaz a dominá-la e a dominar-se, a construir e a construir-se. Não é sonho. Será brevemente uma realidade, assim Deus nos ajude e quem nos lê também.

Padre José Maria

TRIBUNA de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

são telefonemas; são pessoas que me encontram; é a Maria Teresa da Casa do Castelo; são os nossos actores que se queixam que a primeira Festa no Avenida é sempre o ensaio geral. A Gerência do Teatro recebeu-nos com um grande abraço quando lhe fomos apresentar a nossa inquietação.

Assim posso dar-te a notícia da nossa segunda festa no Teatro Avenida. Será na tarde

de domingo 20 de Abril, às 18,30 h.. Os bilhetes estão à venda nos lugares do costume. Avia-te, pois podes ficar sem lugar e agora não tens nenhuma razão de queixa.

Padre Horácio

Visado pela Comissão de Censura



BENGUELA.: ELES LEVAM ADUBO PARA AS BANANEIRAS SOB OS OLHARES DO TOY.



DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

ritos até de muitos responsáveis, dou graças a Deus por esta voz proferida lá da materialmente avançada América do Norte, por um compatriota cuja carta o revela esclarecido.

Um frenesi de moda apoderou-se dos homens. Como talvez nunca, a moda é mudar. Discute-se tudo, todas as formas, mesmo as mais válidas, as mais perenes, que se substituem por... não se sabe o quê. Ora a VERDADE é só uma, definitiva, eterna, insubstituível: Amar a Deus porque Ele é infinitamente amável; amar os homens porque são imagens vivas de Deus.

Tudo o que não decorre desta realidade é mentira («É mentira, meus senhores, é mentira!» — estamos a ouvir Pai Américo no nosso coração, mediante um das suas mais veementes gravações). «Técnico é aquele que ama» — acrescenta Pai Américo na mesma fala. E o que constroi sobre o Amor, esse não edifica sobre terra movediça, mas sobre a Pedra Angular que garante a estabilidade e valorização eternas do que se faz.

«Sua doutrina é sempre actual, seus métodos continuam a produzir os efeitos por ele preconizados» — Porquê?...

— Justamente, «por não terem sido da sua criação, mas por traduzirem a vontade de Cristo».

A essência de tudo quanto o homem faça com valia eterna é o amor a Deus e ao próximo. Amor unificado, amor distinguível em plano de razão, mas confundido na vida, conforme à fórmula de S. Paulo: «Viver para mim é Cristo». E como Cristo é o Amor Incarnado, dado por Deus aos homens — viver, para o cristão, é amar como Cristo nos amou; é amar com o próprio amor de Deus; é não impedir que Ele ame em nós e por nós; é não quebrar a circulação vital do Seu amor... Por isso, o «catolicismo enferma» sempre que «as pessoas se isolam egoisticamente dentro de si mesmas, julgando que, só pelo facto de não fazerem mal a ninguém, ganham o Céu».

E a enfermidade começa nas inteligências, tentadas pelo fascínio da Sua própria criação. Os homens, criados por Deus, terão de criar, pelo uso da inteligência que Deus lhes deu, a técnica de ir à Lua. Mas a

técnica de ir às almas, será sempre divina, só divina. Conhecê-la-á não o sábio, mas o humilde. O humilde que também pode ser sábio nas ciências humanas (que bom se o fôr!), desde que não desaprenda a distinção fundamental que servirá a recta, a justa hierarquia entre a ciência que os homens constroem e a Sabedoria que é dom de Deus.

Tanto pedagoguinho que se reclama por aí, estribado na auto-suficiência das técnicas de sua criação ou de qualquer outro, melhor ainda se a criação fôr made in Strange...! Servos da moda que muda! «Os escritos de Pai Américo são como as obras de arte: com o tempo valorizam-se». O Amor não muda. Fixou-Se para a Eternidade na hora nona daquela Sexta-feira Maior. Fixou-O Cristo, ao esgotar a Vontade do Pai, no esgotamento do Seu coração até à derradeira gota de sangue.

Quando se trata de almas, «técnico é o que ama», não por métodos de sua criação, mas à maneira de Cristo — que é a maneira «de se merecer algo de Deus» — «dando-se totalmente e sem condições mesmo aos nossos inimigos».

Desde os fins de Novembro que aqui não vimos dar notícias do que tem vindo das mãos e do coração de quem muito ama estes doentes. A auscultação das cartas e das presenças discretas, de quem se atreve a vir contemplar os irmãos enfermos, revela-nos um amor muito forte e vibrante dos homens uns pelos outros. Muito queridos são os nossos doentes a tantos que nos lêem! Assim eles o mereçam. Há quem pense neles todos os dias: «Junto 365 escudos que meu marido amealhou diariamente no ano passado.» Há quem se sacrifique: «Do meu magro ordenado mando esta migalha.» Há quem os venere com enorme respeito: — «Tive vergonha daquilo que vi e daquilo que julgo ser. Rezem por mim.» Há oito anos que um avô prossegue na contagem dos meses do neto amigo para em todos estes enviar um óbulo para os doentes. Há OFERTAS anónimas mas de longa data constantes. Pedidos de oração quase todas as cartas fazem. Esta

pede «que roguemos ao Senhor pela nossa reconciliação». São muitos os pedidos de sufrágios por entes queridos. Os nossos doentes imploram no altar. Médica de Lisboa ao consultar os ricos pensa nos nossos doentes pobres. Tem vindo algumas vezes já com produto de consultas dadas. E o amor, traduzido na perseverança com que muitos aqui se apresentam de há meses, de há anos para cá palpita por todos os recantos de Portugal. Não sei se o Porto levará a palma, mas Lisboa não lhe fica atrás.

Zé Ninguém, do Porto, veio com mil e depois com quinhentos escudos. **Humilde portuense** em todos os meses traz dávida por seu marido. **Portuense qualquer** do mesmo modo com migalhas amigas. **Pecadora**, que de Deus espera protecção, com 300\$. Também é do Porto. Em Lisboa as funcionárias do Banco de Portugal têm sido certas com uma presença mensal «para os nossos irmãos doentes.» Emília Couceiro, igualmente da capital com dois mil.



Outra Emília de Lisboa com mil. E da província de Viseu, cem. De Newark dez dollares. De Vila Real cem. Do Luso metade. De Vouzela 900\$. De Lisboa 125\$. Da Feira pequena oferta. De Pombal quinhentos. De Vila Real metade. Da Foz do Douro 300\$. De Guilhufe roupas. Da Tocha 50\$. De Carcavelos o dobro. Em Aveiro um estudante entrega 500\$00. De Ovar parcelas várias. De Rebordosa 300\$. De Arcos de Valdevez a mesma quantia. De Mafra vinte. Do Fundão um cheque. De Rebordões cem. De Lisboa metade. De Castelo Branco outro tanto. E o mesmo de Coimbra, e de Souselo. Do Tortosendo uma migalha. De Vila Real 300\$. E de Tondela a mesma soma.

Todos gostam de esconder-se em nomes comuns. Celeste na data de anos de seu filho adoptivo. Maria Amélia com quinhentos. Maria Godinho com três mil. Laura de Lisboa com migalha. Berta do Porto com 150\$. Amélia com quinhentos. Maria do Rosário, de Alcobaca, com outro tanto, e promessas de mais. Olímpia quinhentos. Vasolina metade. Raúl de Braga com 300\$. Maria José com outros quinhentos. Idalina com 50\$. Amélia com o dobro. Ana Ramos com cinco dollares.

São adultos e crianças. Está aqui uma que sofrendo condições de paralisia infantil entrega para os doentes 120\$. São e doentes. «Do leito, doen-

te, envio o meu óbulo.» Maria Teresa faz outro tanto.

Agora a «habitual e humilde migalha.» «Para os irmãos do Calvário.» «Pequena ajuda de cem.» Contribuição anual de pessoa idosa — cem escudos. Em sufrágio de Adolfo; de Silvina; de Elvira; de Maria Sampaio. Assinante com vinte pelo filho ausente no Ultramar. Outra com a mesma quantia. Outra ainda com o dobro. Mais um com cem. Outro ainda com cem também. Com metade. E a assinante 16644 cumpre promessa.

Senhor da Covilhã com dois vales de cinco contos cada um. Maria Serapicos com oitocentos escudos. Na Livraria Figueirinhas uma nota.

Alentejana com quinhentos. A. Dias com 50\$00. M. J. com outro tanto. M. C. com quinhentos. M. Alves com 50\$00. Anónima da R. das Papoilas com igual soma todos os meses. Justina com duzentos por alma do marido. Ernesto com uma presença mensal no Lar do Porto. Por Beatriz 50\$. Amigo com o dobro. Duas leirienses com 50\$00. O dobro de Maria de Lisboa. Faustino com um rand. Maria Borges com cem. Alice com metade.

Vêlhinha com 86 anos manda 500\$. António de Luanda o dobro «para os doentes.» Américo com 40\$. António com mais dez. António Ramos muitas vezes com 50\$ por sua mãe. J. Belo com duzentos. Anóni-

ma atribulada com 50\$. Alguém com quinhentos e com cem outro alguém. Da C. G. D. de Braga 40\$ muito amigos por certo. **Zé Ninguém** de novo com o aumento do ordenado. Bem haja. Beatriz 10\$00. Maria da Glória 20\$. Rosa Ramos 200\$. Raúl cem. Outra Maria da Glória, de Viseu, com mais cem. Um notário com 500\$00. Maria Loureiro com duzentos. Marília com cinquenta. Paula com cem. Uma «Maria António» com mil. Matilde vinte. Serafim outro tanto. Adriana com cento e cinquenta. Olga Ruela com duzentos. Professora de Espinho com 500\$. Helena com mil.

Esposa atribulada com doença do marido implora a prece dos sem cura. Agora a migalha do costume. Umbelina com cem. Celeste, do Porto, com outros cem. Amiga de S. João da Madeira com carta fechada e rebuçados para os mais pequenos. Viúva de Amarante com quinhentos e roupas muito boas para agasalhar. Alguém que acompanhava a primeira deixa nota e meia. Ircilia trezentos escudos. M. Valente quinhentos.

Mais um aumento de ordenado, de Portimão. Atravessou o país todo! E poisou tão discreto! Na venda do jornal em Lisboa três notas de cinquenta. Mais uma migalha de cem. Senhora de Mira vem com 320\$. Está aqui uma caixa de vinho Ferreirinha. É para o altar. Bem hajam. Mais calçado e roupas. E uma senhora com mil e cobertores, quentes.

Couto & Irmão com setecentos escudos. Sacerdote de Madrid com cem. Otilia com outro tanto. Elvira com o mesmo. Fernanda com metade. Joaquim com igual soma. M. L. L. 300\$. M. Carmo cem. Duas irmãs também cem. Celeste com metade. Cândida com 240\$. Avó com cem. Anónima de Gaia com 300\$. Lecista da Figueira com cem. Aurea com vinte. Amigo de Lisboa com 200\$. Enfermeira com 50\$. Luiza com 400\$. Casal cristão com 500\$.

Excursão de P. Brandão em visita a doente conhecido entregam 600\$. Hermínia mil, pelo marido amigo. Alguém vem com o que lhe deram para os que mais precisam. Carlos com 250\$. Matilde com cem. Para sufrágio dois mil e quinhentos escudos. Etelvina com 140\$. Berta com cem. Lucrécia com 150\$. Natália com 50\$. Mãe alentejana com roupas. Rosa Silva com cem. Na Sociedade Cristais cem em todos os meses. Está aqui já carta com mil deixados nas capas do Coliseu. Alguém de Cantanhede vem ainda com mais cem. Para sufrágio mais 40\$ e mais 200\$00.

No Espelho da Moda passaram de três mil escudos os donativos anónimos. Alguns deixaram seus nomes. Gonçalves com cinquenta. Laura muitas vezes com vinte. Adelaide com três mil. António com cem. Adelino com trinta. Alberto com cem. Regina com igual soma. Angela com metade. Maria Sampaio com 150\$. Madalena com 50\$. Artur com metade. E insignificante admiradora com quinhentos.

As capas este ano nas nossas festas têm estado mais pesadas. Graças a Deus.

Padre Baptista

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

técnicos ou panaceias capazes de as compensar em absoluto. Nem o amor daqueles que entregam a sua vida aos filhos dos outros!

Foi no mês de Fevereiro. Alertados por Pároco zeloso do seu rebanho, fomos buscar lá para as bandas de Mafra, o João Luís, de 4 anos, mais o José António de 2. Viviam com uma avó, velha e doente. A mãe havia fugido para se juntar com um homem que não era o seu e de quem tem já um filho. O pai, vencido pela traição, deixou cair os braços e abandonou também os pequenos. Amamos estas crianças com toda a alma e todo o coração mas sentimos a nossa incapacidade, como responsáveis de uma centena de Rapazes, de lhes dedicar a atenção de que um chefe de família normal, embora numerosa, deve ser capaz. A consciencialização, que o tempo há-de forjar, da inexistência de laços de sangue, mais lacunas há-de pôr em destaque, que nem a presença contínua duma Alma feminina, inteiramente devotada ao serviço dos Rapazes, poderá preencher. Se os pais e as mães não se substituem com uma entrega plena de algumas vidas, muito

menos se improvisam ou se formam pelas sebtas ou se vão buscar a livros. É que, como diz a cantiga, se mãe há só uma, do pai se poderá dizer o mesmo!

Deixamos aqui estas notas para meditação dos pais de família e de todos aqueles que mais ou menos remotamente preparam o seu lar. E muitos já alta madrugada, depois de um dia difícil e cheio, teriam a sua recompensa se, na sua simplicidade, levassem aqueles que as venham a ler à compreensão das responsabilidades adquiridas, na realidade ou ainda em projecto.

x x x

Maria João e Isabel Cristina, ambas de 13 anos, a quem por graça de Deus nada falta, inclusivé famílias capazes, vão preparando uma série de trabalhos nas horas de folga das obrigações escolares para «venderem» nas festas de família em favor de irmãos necessitados. Bela e salutar ideia de aproveitar o tempo útilmente; excelente maneira de «crescer» e de se «desenvolverem em sabedoria». Bem hajam pela parte que nos toca e que o vosso exemplo frutifique!

Padre Luís



Outra imagem da secção de composição da nossa Tipografia. Zé Manel sorri para a objectiva e Manuel António não se preocupa — com a serra em andamento...



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE